



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

**TRANSOESTE: A VIDA EM MOVIMENTO
UM WEBDOCUMENTÁRIO SOBRE O VIVER NA ZONA OESTE**

DANTY ALVES SILVA

Rio de Janeiro
2024

DANTY ALVES SILVA

TRANSOESTE: A VIDA EM MOVIMENTO
UM WEBDOCUMENTÁRIO SOBRE O VIVER NA ZONA OESTE

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Comunicação Social com habilitação
em Jornalismo

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carine Felkl Prevedello

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

A474f Silva, Danty Alves
 Transoeste - a vida em movimento: um webdocumentário
 sobre o viver na zona oeste carioca -- Rio de Janeiro, 2024.
 xx f.

 Orientadora: Carine Prevedello
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
 Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2024.

 1. Zona oeste. 2. Rio de Janeiro. 3. BRT. 4. Mobilidade
 urbana. 5. Webdocumentário. I. Prevedello, Carine, orient. II.
 Transoeste - a vida em movimento: um webdocumentário sobre
 o viver na zona oeste carioca

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

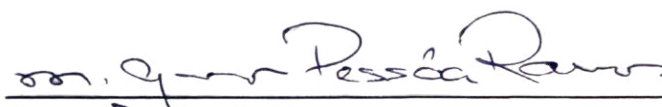
TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Transoeste - A vida em movimento: um webdocumentário sobre o viver na zona oeste carioca**, elaborado por Danty Alves Silva.

Aprovado em: 17/07/2024



Prof. Drª Carine Felkl Prevedello
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)



Profa. Dª Maria Guiomar Pessoa Ramos
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)



Coordenadora de Comunicação do Observatório de Favelas

AGRADECIMENTOS

Um choque de realidade domina todo meu corpo ao perceber o fim de um ciclo. Durante muito tempo posterguei esse fim, numa imatura tentativa de me esconder na ideia de um “início de carreira” que iria me blindar das possíveis frustrações profissionais. A sensação é que eu escolhi ser jornalista no tempo errado.

Ser de uma geração de profissionais que encontra um mundo em ruptura, com uma violenta velocidade que abala as estruturas da comunicação social, e obviamente do fazer jornalístico é um grande desafio. E se não bastassem os fatores controversos que nos acompanham em um processo de formação acadêmica numa instituição pública no Brasil, ainda surgiu no meio do caminho uma pandemia.

É difícil compreender o propósito da vida quando ela se manifesta de forma tão frágil. O jornalismo mais do que uma projeção profissional me trouxe amadurecimento como ser político. Hoje o compreendo muito mais como minha ferramenta e não mais como minha finalidade.

Eu olho para trás com demasiada gratidão pelos encontros que a vida me proporcionou. Eu sei que não seria a mesma pessoa sem tudo que vivi ao longo desses cinco anos. Na Academia é difícil não destacar nomes. Joyce Abbade com sua acolhida nos projetos de extensão que coordena e sua insistência em acreditar na Universidade para além dos muros. Carine Prevedello com o suporte e estímulo aos seus extensionistas no PET/ECO, nos apoiando em desenvolver os projetos respeitando nossos interesses e habilidades. Guiomar Ramos com toda sua bagagem cinematográfica e defesa de um cinema para além do óbvio. Dante Gastaldoni com suas aulas de fotojornalismo que contribuíram muito para eu pensar a produção de imagem para além dos anseios técnicos. Bia Morgado que numa eletiva sobre curadoria de arte me ajudou a aperfeiçoar meu entendimento sobre a arte contemporânea. E todas as amigas, com destaque especial a Ana Luiza Oliveira, Júlia Kronenberg e Juarez Henrique, que nos deixou prematuramente.

Sem sombra de dúvidas, essas pessoas tornaram mais fácil a escolha de trocar minha querida Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro pela UFRJ. Eu sei que foi uma escolha sensata, mas ao mesmo tempo me entristece que sejamos

uma cidade tão segregada que precisamos ocupar os espaços centrais da cidade para nos desenvolvermos profissionalmente.

Na vida profissional, preciso enaltecer minha experiência com a Revista Traços. Em tempos do assombro do digital, ter um veículo que pensa arte e cultura, e ocupa a cidade fisicamente é quase utópico. Nem nos meus melhores sonhos eu poderia idealizar começar minha trajetória profissional num veículo como a Traços. Eu não consigo nem explicar o que significa essa experiência na minha vida. Além de muito aprendizado, tive o privilégio de construir uma linda amizade com Mari Morgado e Dani Dacorso.

Na vida pessoal são inúmeras pessoas que eu poderia citar. Mas vou restringir meus agradecimentos à Lola Ferreira, que se tornou não apenas uma amiga mas também uma grande referência profissional. E, por último mas não menos importante, Mariana Cunha. O sentimento de gratidão nem cabe em mim por todas as memórias que ela aceitou viver ao meu lado. Seja pelo nordeste ou pela Europa, tudo com ela se tornou melhor.

“A teoria é certamente curiosa, mas para torná-la completa você deve mostrar que a Natureza, não menos que a Vida, é uma imitação da Arte.”

(Oscar Wilde)

RESUMO

Silva, Danty Alves. **Transoeste** - a vida em movimento: um webdocumentário sobre o viver na zona oeste carioca. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

O webdocumentário "Transoeste - A vida em movimento" explora a complexidade da mobilidade urbana na zona oeste do Rio de Janeiro através de retratos dialógicos que desafiam a objetividade jornalística tradicional. Concebido pela perspectiva da subjetividade, o projeto revela as contradições sociais e econômicas da região, marcada por crescimento acelerado e desafios socioeconômicos. Ao capturar as histórias dos usuários do BRT Transoeste, o realizador não só documenta experiências individuais, mas também redefine seu papel como comunicólogo, integrando teoria e prática jornalística na construção reflexiva e inclusiva de uma memória social.

Palavras-chave: BRT; Mobilidade Urbana; Rio de Janeiro; Zona Oeste; Webdocumentário.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	COMUNICAÇÃO, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA DA CIDADE.....	13
3	A WEB COMO SUPORTE.....	16
4	RELATÓRIO DE PRODUÇÃO.....	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

A tentativa de propor um olhar que busca condensar uma experiência num determinado contexto territorial de uma cidade com a dimensão do Rio de Janeiro pode, facilmente, soar pretenciosa e imprudente. Nesse sentido, o trabalho está completamente descomprometido com uma intenção totalizante ou que busca trazer seus personagens como representativos do contexto abordado. O projeto é concebido pela perspectiva do retrato dialógico, partindo de uma experiência subjetiva da direção para a construção da linguagem documental apresentada.

[...] os retratos dialógicos são em boa medida auto-retratos, documentários participativos em que o personagem também se pinta ativamente [...]. No limite, um retrato dessa natureza redonda na impossibilidade de se pensar a imagem apartada de seu processo de feitura. Ele aponta para uma zona de indeterminação entre linguagem e experiência, entre o “quê” e o “como” do retrato, que se auto determinam (MESQUITA, 2010, p.109).

Do ponto de vista do fazer jornalístico, há também um rompimento com a intenção de neutralidade ou objetividade, considerando que a subjetividade foi determinante para pensar o próprio projeto. A ocupação do território carioca é permeada por inúmeras contradições, sobretudo quando não habitamos o eixo central que compõe o perímetro entre o centro da cidade e a zona sul.

Na zona oeste, a mobilidade urbana é um dos grandes desafios para a vida daqueles que representam 41% da população do município. A região, composta por 43 bairros que somam 70% do território da cidade, foi a que mais cresceu no período entre 2000 e 2013 com a impressionante expansão de 80% de seu espaço.

No processo de remoção das favelas na década de 60, a zona oeste foi o destino de muitas famílias (TOKAMIA, 2023). Por muitas décadas, enfrentou o abandono das políticas públicas, que resultaram no atual panorama de dilemas sociais. Inclusive, os moradores da região lideram o ranking de pessoas endividadas na cidade, com o desemprego e alto custo de vida como principais fatores para esse resultado (LOPES, 2023).

É nesse contexto controverso que, durante minha formação, circulei incessantemente entre os diferentes polos socioeconômicos e culturais da cidade. E no processo de deslocamento, o principal modal para meu deslocamento foi o BRT (*Bus Rapid Transit*) Transoeste, que liga Santa Cruz à Barra da Tijuca. Sob gestão

da prefeitura desde 2021, o modal apresentou um aumento de 150% no número de usuários diários, ou seja, 350 mil passageiros considerando os três corredores: Transcarioca, Transoeste e Transolímpica. A expectativa da secretaria de transporte é que esse número alcance 450 mil pessoas em 2026 (ARAÚJO, 2024).

O corredor Transoeste apresenta uma extensão de 59 quilômetros de extensão com 62 estações (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2023). É a principal forma de deslocamento da população dessa região, e é nesse contexto onde observei muitas vezes os rostos cansados diante de suas labutas diárias. Nesse processo de observação, me indaguei sobre as histórias e reflexões desses personagens que para um olhar externo sobre os ônibus articulados superlotados, poderia facilmente nos interpretar como uma massa homogênea. É nesse contexto que as entrevistas são realizadas, totalmente entregues às adversidades do deslocamento e encontros.

Alguns desses retratos investem especialmente na contingência no que se pode produzir a partir do encontro presente, de modo a restituir à imagem do sujeito uma individualidade complexa, inacabada e em processo, que não se aparta da interlocução e das situações específicas registradas. Na maioria desses retratos, esse movimento se faz reflexivo: o próprio gesto de retratar é colocado, no movimento mesmo de fazê-lo, em dúvida, em crise, em questão (MESQUITA, 2010, p.110).

É importante salientar que esse trabalho se posiciona numa proposta de pensar o jornalismo a partir da cultura, onde o processo de escuta das diferentes individualidades se cristalizam na forma de memória social. Dessa forma, apresento o webdocumentário como uma “dimensão do ordinário, do cotidiano, da experiência comum e material dos sujeitos enquanto produtores e receptores de notícias” (ARAÚJO, 2017, p.38).

No processo de produção, a relação entre jornalismo e subjetividade foi estabelecida a partir de um laço estreito. E entender essa relação a partir dos estudos culturais significa compreender os sujeitos e sua atuação social e política.

“Transoeste - A vida em movimento” se configura como um esforço em propor um formato de caráter experimental no universo semântico do jornalismo. Dessa forma, além de obra finalizada, o webdocumentário também funciona como uma etapa do processo de formação acadêmica em que os modelos do fazer jornalístico

são revisitados na produção do projeto, e me estimulam como realizador a pensar o lugar que quero ocupar como comunicólogo.

Nessa realização, a minha própria subjetividade foi atravessada porque os lugares a partir dos quais nos reconhecemos enquanto indivíduos são construídos por uma rede de relações de poder, tradições culturais e representações de identidades (ARAÚJO, 2017).

2 COMUNICAÇÃO, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA DA CIDADE

O Rio de Janeiro está inserido numa lógica de vida metropolitana que impõe aos seus cidadãos uma dinâmica de existência que preserva a individualidade, em contraste à construção de relações que possibilitam aprofundamentos emocionais. É óbvio que isso não é uma particularidade dessa cidade, pois se trata de uma dinâmica instaurada desde a consolidação da modernidade.

A vida metropolitana, assim, implica uma consciência elevada e uma predominância da inteligência no homem metropolitano. A reação aos fenômenos metropolitanos é transferida àquele órgão que é menos sensível e bastante afastado da zona mais profunda da personalidade. A intelectualidade, assim, se destina a preservar a vida subjetiva contra o poder avassalador da vida metropolitana (SIMMEL, 1973, p.13).

É curioso, no deslocamento diário de nossas labutas, dentro de um ônibus articulado apoiando nosso corpo sob outros desconhecidos que não tenhamos qualquer interesse em desenvolver um vínculo substancial entre as pessoas. Mas é difícil que seja diferente, considerando a complexidade de estímulos que somos submetidos no processo de sobrevivência nas nossas rotinas. E dessa forma é instaurada a personalidade *blasé* do cidadão metropolitano (SIMMEL, 1973).

Não há espaço para a construção afetuosa entre os cidadãos num cenário de caos instaurado. Não é raro presenciar confusões generalizadas no BRT por causa de lugares ou conflitos mais intensos que resultam dos dilemas sociais da cidade, como um agente de segurança privada que agride uma mulher por filmar uma ação dele contra um vendedor ambulante (JORNAL O DIA, 2024).

[...] frequentemente nem sequer conhecemos de vista aqueles que foram nossos vizinhos durante anos. E é esta reserva que, aos olhos da gente da cidade pequena, nos faz parecer frios e desalmados. Na verdade, se é que não estou enganado, o aspecto interior dessa reserva exterior é não apenas a indiferença, mas, mais frequentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que tenha sido provocado (SIMMEL, 1973, p.17).

Não é absurdo afirmarmos que as cidades não surgem como espaço de convivência, mas há uma lógica fortemente segregadora que orienta as políticas públicas. O Rio de Janeiro, assim como tantas outras cidades brasileiras, sofre com a especulação imobiliária há décadas. E dia após dia, o custo de vida e de

manutenção do território vai somando quantias assombrosas, empurrando cada vez mais os cidadãos para longe do eixo central da cidade.

Diferente de outros processos bem sucedidos como em Barcelona, as Olimpíadas no Rio de Janeiro invés de garantir uma reforma urbana nos entregou um legado de segregação.

E nesse sentido, a modalidade BRT garante um escoamento da mão de obra com uma ilusória promessa de solução. Mas, na verdade, é muito mais paliativa e garante apenas que as pessoas cheguem a determinados espaços para trabalhar e percorram cinquenta e tantos quilômetros de distância para voltarem para suas casas. É importante pontuar que o sistema de transporte em questão não é transporte de massa, como no caso do metrô.

Há quase meio século que a Barra da Tijuca tem representado um ideal de Rio de Janeiro. E mais intensamente, na segunda década do milênio no contexto dos megaeventos sediados na cidade, há uma promessa de que a zona oeste, sobretudo a Barra da Tijuca, representa essa nova imagem da cidade. E para garantir isso, bilionários da construção civil como Carlos Carvalho farão o possível para que o projeto urbano seja coerente com a imagem pretendida, mesmo que isso signifique remoções para afastar cada vez mais o pobre dos espaços de especulação imobiliária (PUFF, 2015).

Nas cidades modernas, a dependência do automóvel e da especulação capitalista do solo urbano trabalham contra a produção de espaços coletivos heterogêneos, lugar da comunicação urbana e vetor de transformação social e subjetiva. É possível, ainda, que simplesmente não nos deixemos afetar pela variedade urbana. Uma população em grande parte indiferente ao meio urbano diverso desenvolve, segundo Sennett, uma atitude de “desengajamento” (SENNETT, 1992: 129) que inviabiliza as trocas cidadinas (CAIAFA, 2019, p. 10).

Na cidade que não se compromete com a integração, somos construídos como turistas do próprio lugar. No ir e vir incessante, vivemos vulneráveis às mudanças constantes do espaço urbano que atendem as necessidades do grande capital e dessa forma a cidade se constitui como exterior (CAIAFA, 2007). Sendo assim, o webdocumentário apresentado surge como uma vontade de romper com o não pertencimento e fazer da experiência de circulação um registro que garante a cristalização de uma memória social.

[...] ocupamos um lugar nos fluxos urbanos ao lado não de um conhecido ou um parente, mas de outros estranhos como nós. No âmbito dessa convivência e dessa *pertinência fluida* - se nos engajamos na novidade da experimentação - há uma constante aprendizagem subjetiva na medida em que precisamos inventar formas de nos relacionar com esses outros e com o ambiente material diverso que ocupamos (CAIAFA, 2019, p.10).

Relacionando com o contexto urbano, a interação que acontece nesses transportes públicos nem sempre são de pessoas às quais conhecemos, porém, com pessoas que estão com o objetivo em comum de locomoção pela cidade. Nisso, refletimos sobre a experiência das pessoas que ali passam, com suas histórias e narrativas.

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto (LARROSA, 2019, p.10).

Ao interagir com as pessoas que participaram do webdocumentário podemos ouvir diversas narrativas, nas quais podemos olhar e ouvir diferentes experiências em um ambiente em comum e coletivo que é o BRT.

A experiência que nos toca, está além do que nos é dito, está no que vivenciamos e nos que é transformado. Para Larrosa (2019, p.10) “a experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir e identificar”, nos levando a reflexão sobre o que nos perpassa. Ao tratar sobre o BRT Transoeste, em que milhares de pessoas vão se passando e perpassando, mesmo sem se conhecer, algo as leva a se transpassar. O transpassar no sentido de ir e vir, do caminhar, da chegada a algo ou ao lugar.

A caminhada ambientada na cidade metropolitana instaura a urbe como um espaço de comunicação (CAIAFA, 2019, p.9). Se partirmos do princípio da comunicação como transmissão de informação, o encontro e transitar dos corpos está completamente imbuído de significado e significante. Nesse sentido, “a relação com os fluxos urbanos da diferença é uma experimentação, ou seja, algo que é preciso constantemente construir” (CAIAFA, 2019, p.10).

A produção desse webdocumentário almeja trazer pro campo da imagem essa experimentação. E dessa forma expor uma possibilidade de representar esses elementos discutidos anteriormente, considerando o processo de construção de uma memória social.

3 A WEB COMO SUPORTE

O espaço das comunicações de rede, conhecido como ciberespaço, é multilinear, descentralizado e de alcance global. Talvez o grande efeito da era digital nos meios de comunicação fique a cargo da hipermídia. Segundo Santaella (2004), o conceito se refere à combinação entre hipertexto com multimídia. Sendo hipertexto o formato de texto que rompe com a linearidade presente nas mídias impressas, se tornando um texto interativo que apresenta associações com outros textos. O ciberespaço é um “sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores em uma relação simbiótica que cresce exponencialmente graças à comunicação interativa” (*ibid*).

Essas inovações impactam no formato dos meios de comunicação, os colocando na emergência de se reconfigurar. O jornalismo como elemento da comunicação se encontra, então, diante de um fluxo constante de ações que o impulsiona a perder seu significado simbólico no agenciamento de conteúdos informacionais frente ao fluxo constante de informações nas mídias sociais.

O modelo de jornalismo tradicional se encontra em decadência frente aos valores da cibercultura que organizam suas plataformas de comunicação como meios livres, atribuindo aos indivíduos a responsabilidade pela informação que produzem (SANDANO, 2015 apud CARVALHO; BELDA, 2017, p. 234). Mas ainda é um cenário disputado, pois para os “defensores do modelo tradicional, experiências vividas como as da Mídia Ninja e do Wikileaks não devem ser consideradas como atividades jornalísticas, em parte por não atenderem a premissa da imparcialidade” (CARVALHO; BELDA, 2017, p. 235).

A produção desse webdocumentário almeja trazer pro campo da imagem a experimentação na cidade, rompendo com o tabu da parcialidade. A imparcialidade, tão almejada, enquanto técnica de linguagem na construção da narrativa jornalística foi o princípio motor que orientou o fazer jornalístico, e criou um padrão de narrativa distante de um posicionamento politicamente definido, pelo menos na teoria.

Segundo Sahlins (2008, p.100) o tabu “nunca é um simples reflexo sobre a prática: está na ordem da prática, como a organização dela”. A realidade social está em constante movimento e jamais se encontra indiferente frente a novos estímulos. Sendo assim, novas práticas refletem na reavaliação do tabu.

[...] a lógica do tabu se torna o mecanismo de reavaliação de pessoas e objetos que ela tinha, por sua vez, definido originalmente. Pessoas e coisas emergem do encontro prático com novos valores de tabus, portanto, com novas relações entre si. (*Ibid*)

A opção em distribuir na forma de webdocumentário é pensada como uma possibilidade de propor um caminho para essa discussão e evocar os elementos documentados em função da memória social.

Vale salientar que a memória exerce um efeito no corpo, nas sensações, afetos e práticas, evocando o passado para pensar o presente, visando a construção do futuro (GONDAR, 2016).

Para além do caráter jornalístico, pensar o documentário como experiência artística deve considerar a individualidade perceptiva dos indivíduos. E, além disso, o compreender como um aliado na criação de vínculo entre espectador e universo documentado. Além disso, corroboramos com a ideia de Xavier (1983) que compreende a realização cinematográfica de forma análoga à imaginação, com a mobilidade das ideias que não estão subordinadas à ordem dos acontecimentos.

O webdocumentário, ou documentário interativo, disponibilizado numa página *html* se destacou como conveniente neste trabalho pelo seu caráter de se apresentar como um acervo digital. Diferentemente de um documentário tradicional, dessa forma é possível tornar a obra viva e contínua, podendo ser realimentada com o decorrer do tempo. E mais do que um retrato de um tempo, é possível que funcione como um retrato da passagem do próprio tempo. Nesse sentido, consideramos o potencial do meio digital como forma de disseminar o conteúdo de forma mais democrática.

Essa forma de produção audiovisual emerge com o desenvolvimento das mídias digitais. Por interatividade se entende a relação entre um participante e o conteúdo audiovisual, estabelecida por um dispositivo digital através de uma interface proposta pelo criador da obra (SALES, 2014).

4 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

Se situar diante de um processo de produção audiovisual com um dispositivo móvel como principal recurso e ferramenta, nos leva diretamente a refletir sobre o diálogo entre a linguagem do documentário e as novas tecnologias de comunicação.

A opção de documentar com um celular numa dinâmica de cidade com caráter hostil se tornou uma opção necessária para garantir a segurança da equipe envolvida. Além disso, a escolha torna o processo menos invasivo com os personagens, visto que um celular possui uma aceitação muito maior do que uma câmera.

Ao pensar no celular como um meio de comunicação que passa por novas configurações, está em evolução constante e em que imagens podem ser captadas com facilidade, pensa-se nas potencialidades e experiências de linguagem que este meio proporciona. Os recursos próprios dos dispositivos móveis como internet, telefonia móvel sem fio, memória para armazenamento de vídeos produzidos no próprio telefone, localização geográfica via GPS e as contínuas atualizações realizadas pelos fabricantes de celulares com modelos de câmeras com resolução cada vez melhor facilitam a produção e divulgação dos vídeos (OLIVEIRA, 2014, p.47).

As entrevistas ambientadas no contexto de deslocamento também assumem um elemento primordial na intenção narrativa. Além de ser uma escuta dos personagens que circulam pelo recorte fílmico, era importante estabelecer o movimento do cotidiano na captação de imagens para retratar o contexto abordado. A escolha dos personagens para as entrevistas aconteceu via abordagens aleatórias na rua ou indicação de terceiros.

É dessa forma que o convite a dois fotógrafos e duas fotógrafas é realizado. Em comum entre essas pessoas apenas a origem na zona oeste, a única exigência era essa. E a orientação foi que as imagens também fossem realizadas com seus celulares. A intenção era encarar esses olhares como um complemento do universo experienciado pelo documentarista, ampliando as propostas estéticas e discursivas.

É possível que sejam apontadas desvantagens na captação de imagens por celular, a depender do modelo usado. E é nessa reflexão que “Transoeste - a vida em movimento” também tem um compromisso. Há uma intenção em situar o celular não apenas como um recurso de comunicação, mas também uma forma de criação artística em que o imediatismo e ato instintivo de captação delegue em prol de novos formatos.

Luiz Balthar, fotógrafo popular do Rio de Janeiro, se torna uma importante fonte de inspiração. O fotógrafo descobriu no cotidiano da cidade uma forma de observar o movimento metropolitano pela janela dos ônibus que pegava para se deslocar para o trabalho. O seu celular usado como ferramenta se tornou seu principal aliado para observar os contrastes sociais e transformá-lo em imagens. É uma discussão muito bem articulada por Victa de Carvalho (2018) ao tecer comentários sobre o trabalho de Balthar:

Não se trata de buscar por uma relação ideal, ou mais eficaz, entre o estético e o político, problema amplamente discutido ao longo de toda a história da filosofia, mas de rearticular essas categorias de modo que possamos também redefinir a noção de experiência no mundo. Num sentido mais amplo, trata-se de reinventar as táticas que envolvem as relações entre dominação e resistência a partir da criação de modos de subjetivação capazes de novos enunciados e experiências (CARVALHO, 2018, p.96).

A edição do material também utilizou o dispositivo móvel como recurso, através do *software CapCut*. Dessa forma, celular se tornou captador de imagem e também recurso de montagem e edição, ampliando sua importância para a criação do documentário. Todo o processo foi muito intuitivo, os vídeos individuais que resultam das entrevistas estabelecidas foram montados seguindo um fluxo de diálogo que priorizasse a humanização desses personagens. Essa proposta foi importante ser estabelecida porque a dinâmica da cidade e precarização dos transportes públicos cariocas segue uma lógica que desumaniza essas pessoas, as tornando uma massa homogênea e negando qualquer subjetividade.

O site foi criado por meio da plataforma Wix que possibilita a criação de sites sem a necessidade de conhecimento prévio de programação. A diagramação recorre a um mecanismo de galeria em que as entrevistas com as pessoas estão dispostas entre dois vídeos mais longos e de caráter contemplativo sobre o território documentado. Os vídeos são independentes e funcionam de uma forma não linear. A intenção da imagem foi capturar o pensamento da pessoa, dando ênfase na movimentação pelo espaço urbano. Em outra seção estão dispostas as fotografias realizadas pelas pessoas convidadas.

Os recursos financeiros investidos na obra foram captados via edital FOCA (Fomento à Cultura Carioca) em 2021, fomentado pela secretaria de cultura do Rio de Janeiro. A possibilidade de convidar as pessoas para apresentarem suas séries

fotográficas e serem devidamente remuneradas por isso, enfatiza o compromisso de enaltecer profissionais isolados da economia criativa do eixo central da cidade.

Os filmes de Eduardo Coutinho, particularmente *Jogo de Cena* e *Edifício Master*, oferecem uma visão potente sobre a subjetividade e a intimidade no documentário, aspectos centrais ao *Transoeste - A vida em movimento*. Em *Jogo de Cena*, Coutinho explora a fina linha entre ficção e realidade, dando voz a histórias pessoais que revelam verdades mais amplas. No seu projeto, essa influência se reflete na maneira como você permite que os usuários do BRT Transoeste contem suas próprias histórias, criando uma narrativa que vai além da simples observação jornalística e mergulha na subjetividade dos relatos pessoais, assim como Coutinho faz ao deixar os personagens se expressarem sem filtros.

Em *Edifício Master*, Coutinho foca em um único espaço, o que lhe permite explorar as complexidades das vidas ali contidas, uma abordagem semelhante à que você emprega ao documentar a vida em torno da linha do BRT. O foco em um único ambiente urbano, a partir do qual se desdobram múltiplas narrativas, possibilita uma visão micro das dinâmicas sociais que espelham as macroestruturas da cidade. O seu webdocumentário, ao adotar essa perspectiva, amplia a compreensão das interseções entre o espaço físico e as realidades vividas, inspirando-se na capacidade de Coutinho de transformar o local em personagem central da narrativa.

Dedo na Ferida, de Silvio Tendler, traz uma crítica incisiva às contradições do sistema capitalista, discutindo as desigualdades sociais e econômicas que permeiam a sociedade. Essa crítica ressoa no seu projeto, que expõe as contradições da mobilidade urbana na Zona Oeste do Rio de Janeiro, um espaço onde o crescimento acelerado convive com desafios socioeconômicos profundos. Tendler utiliza uma abordagem documental que não se restringe à neutralidade, mas sim aponta as fissuras de um sistema que marginaliza as vozes periféricas. De maneira semelhante, o seu webdocumentário desafia a objetividade jornalística ao adotar uma postura reflexiva e crítica sobre as estruturas que moldam as experiências dos usuários do BRT.

Por fim, *Em Três Atos*, de Lucia Murat, e *A Entrevista*, de Helena Solberg, contribuem para a forma como você integra teoria e prática jornalística no seu trabalho. Ambas as obras exploram a narrativa como um processo de construção de memória e identidade, seja no campo pessoal ou coletivo. Em *Transoeste - A vida em movimento*, a sua abordagem ao capturar e refletir sobre as histórias dos passageiros do BRT ecoa essa construção narrativa, onde cada relato individual contribui para um mosaico maior que dialoga com a memória social. Assim como Murat e Solberg, você utiliza a câmera como ferramenta para reconstituir a realidade através das vozes daqueles que, muitas vezes, são silenciados pelas grandes narrativas midiáticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mergulho nessa produção que propôs abordar a subjetividade das pessoas que se deslocam no corredor Transoeste do BRT enfatiza a importância de documentar e analisar os impactos dessa infraestrutura de cidade na vida cotidiana dos usuários.

As horas despendidas em deslocamento somadas a todas as horas de trabalho acabam colocando os diferentes agentes sociais dessa cidade numa dinâmica de automatização, como se estivessem cumprindo funções para a manutenção de uma engrenagem econômica.

O suporte escolhido se mostrou uma ferramenta poderosa na proposta do projeto, buscando no caos informacional da internet um espaço de hospedagem com um acesso ilimitado para pessoas de outros recortes sociais.

Conclui-se, portanto, que o webdocumentário "Transoeste - A vida em movimento" não apenas cumpre o papel de registrar os impactos da infraestrutura urbana na vida dos usuários do BRT, mas também se estabelece como uma importante documentação da memória social carioca.

Ao proporcionar um espaço de escuta e visibilidade às diferentes vozes que transitam pelo corredor Transoeste, a produção não só revela as complexidades das dinâmicas sociais e urbanas da cidade do Rio de Janeiro, mas também destaca a humanidade por trás das estatísticas de mobilidade.

Mais do que um simples retrato, o webdocumentário se apresenta como uma crônica visual viva e com potencial de constante desenvolvimento, inaugurando um movimento de construção colaborativa da memória social na zona oeste carioca.

Neste sentido, ao valorizar as diversas cosmovisões dos indivíduos, o projeto não se limita a denunciar questões sociais, mas celebra a pluralidade de experiências que compõem o tecido urbano carioca. Assim, reafirma-se o compromisso com a preservação e reflexão sobre a dinâmica da cidade, ao mesmo tempo em que inspira novas narrativas e iniciativas voltadas para uma compreensão mais profunda e inclusiva da vida urbana.

O processo de concepção e produção deste webdocumentário proporcionou um aprendizado profundo sobre a aplicação prática das teorias de comunicação na análise de contextos urbanos complexos. Desde a pesquisa inicial até a interação com as pessoas entrevistadas e a montagem final do webdocumentário, me vi

desafiado a explorar novas técnicas narrativas e a desenvolver habilidades cruciais de escuta.

Esta experiência não apenas enriqueceu o meu repertório profissional, mas também reforçou minha convicção na capacidade da cidade como espaço de comunicação. A vida metropolitana se manifesta como catalisadora de reflexões, é necessário promover um diálogo mais inclusivo e informado dentro da sociedade. Não podemos banalizar a vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Camila. Número de passageiros do BRT do Rio aumenta 150% em três anos. **Jornal Extra**, 26 mar. 2024. Disponível em: <https://extra.globo.com/rio/noticia/2024/03/numero-de-passageiros-do-brt-do-rio-aumenta-150percent-em-tres-anos.ghtml>. Acesso: 20 jun. 2024.

ARAÚJO, Valéria Maria Sampaio Vilas Bôas. Jornalismo de si: subjetividade e partilha de experiências na cultura contemporânea. **Comunicação e contemporaneidades**, v.24, n. 02, p.31-45, 2017.

BARROS, Gabriel Dos Santos Brandão. **Entre memórias e vivências: um webdocumentário sobre cultura popular do DF**. 2023. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Organizacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CAIAFA, Janice. Comunicação, subjetividade e transportes na cidade. **Novos olhares**, v.8, p.7-19, 2019.

CARVALHO, P. H. V.; BELDA, F. R. Multiparcialidade, dialogia e cultura participativa como reação à pós verdade: uma abordagem discursiva sobre o jornalismo. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba**, v.1, n. 18, p.230-245, 2017.

CARVALHO, Victa de; FATORELLI, Antonio (org.). **Coleção Midiateca: Escritos sobre fotografia contemporânea brasileira**. 1ª ed., v.2. Rio de Janeiro: {Lp} press, 2018.

FERREIRA, Dandara da Costa. **Reconstruindo Vivian Maier: a fotografia entre anacronismo e subjetividade**. 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

GONDAR, Josaida. Cinco proposições sobre Memória Social. In: DODEBEI, V.; FARIAS, F. R. de; GONDAR, J. Número especial: Por que memória social?. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 9, n. 15, 2016.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOPES, Leticia. Zona oeste lidera em números de endividados no Rio, aponta pesquisa. Cartão de crédito é o principal vilão. **Jornal Extra**, 07 abr. 2023. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia/financas/noticia/2023/04/zona-oeste-lidera-em-numero-de-endividados-do-rio-aponta-pesquisa-cartao-de-credito-e-o-principal-vilao.ghtml>. Acesso: 20 jun.2024.

MESQUITA, Cláudia. Retratos em diálogos: notas sobre o documentário brasileiro recente. **Retratos em diálogo cebrap**, n.86, p.105-118, 2010.

OLIVEIRA, Ana Paula. Documentário e contemporaneidade: uma reflexão sobre vídeos produzidos por telefones celulares. **Comunicação e Inovação**, v.15, n. 29, p. 35-49, 2014.

PAZ, André; Salles, Julia. Brasil, mostra a sua cara: aproximações ao cenário brasileiro de documentários interativos. **Doc On-line**, n. 18, p.130-165, 2015.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio entrega a Nova Transoeste com pista revitalizada e frota renovada. **Prefeitura Rio**, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://prefeitura.rio/infraestrutura/prefeitura-do-rio-entrega-a-nova-transoeste-com-pista-revitalizada-e-frota-renovada/>. Acesso: 20 jun. 2024.

PUFF, Jefferson. “Como é que você vai botar o pobre ali?”, diz bilionário “dono da Barra da Tijuca”. **BBC News Brasil**, 10 ago. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150809_construtora_olimpiada_j. Acesso: 20 jun. 2024.

SAHLINS, M. D. **Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich**. Tradução: Fraya Frehse. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SALES, J. Agenciamento e indeterminação: conceitos para um estudo do documentário interativo. **Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, n.3, ed. 6, 2014.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

Segurança agride mulher no Terminal Alvorado. **Jornal O Dia**, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2024/01/6781321-video-seguranca-agride-mulher-durante-confusao-no-terminal-alvorada.html>. Acesso: 20 jun. 2024.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p.11-25. Tradução de Sérgio Marques dos Reis – The Metropolis and Mental Life, The Sociology of Georg Simmel, traduzido e editado por Kurt Wolff.

TOKAMIA, Mariana. Imensa e desigual, zona oeste é 70% do Rio e tem 41% da população. **Agência Brasil**, 28 out. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/imensa-e-desigual-zona-oeste-e-70-do-rio-e-tem-41-da-populacao>. Acesso em: 20 jun. 2024.

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**: antologia. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.